

II - LER É MAIS IMPORTANTE DO QUE ESTUDAR

Falar que a Educação no Brasil vai mal virou clichê. Nas próximas linhas escreverei sobre o papel da Escola na sociedade, porém não abordarei aqui as mazelas que fizeram com que o processo educacional chegasse ao caos em que hoje se encontra. Abordarei especificamente a escala de valores defendida pela Escola e o resultado do seu trabalho.

Há quatro habilidades que representam o ponto de partida e também o de chegada que, se não norteiam a ação educacional, deveriam fazê-lo. As habilidades são **OUVIR, FALAR, LER e ESCREVER**. A Escola deve necessariamente trabalhar o desenvolvimento dessas quatro aptidões. E falar isto até parece redundante quando se enxerga o processo ensino-aprendizagem de forma global. No entanto, se formos ver bem de perto a atuação de nossos professores e avaliarmos o resultado do trabalho aplicado nos oito anos do primeiro e nos três anos do segundo grau, veremos que a Escola não tem formado leitores e que nossos alunos têm uma enorme dificuldade em expressar seu pensamento, seja na linguagem falada ou na escrita.

Há algo de errado! Sem dúvida os valores defendidos em sala de aula não estão nada claros sequer para o professor. A Cultura, o Saber, a leitura são tradicionalmente valores da classe dominante, e, paradoxalmente, a Educação apenas tem atraído profissionais oriundos das classes populares, cujos valores são muito mais imediatos, ligados à própria sobrevivência. Neste contexto quem consegue reconhecer a importância do Conhecimento Humano?

A Escola deve ser democratizada. E quando falamos isto queremos dizer que o Saber deve ser apresentado como algo vivo e vital numa sociedade letrada e em desenvolvimento. Assim, os profissionais da Educação precisam ser pessoas comprometidas com a comunidade e com a transformação da sociedade injusta em que vivemos. Pessoas acomodadas e com uma visão estática do mundo não têm lugar na dinâmica da sala de aula.

E para começar precisamos romper com os velhos modelos tradicionais que fazem com que nossas aulas sejam maçantes e arcaicas, levando ao insucesso. Novos valores precisam frequentar a sala de aula. E um deles é o **PRAZER**. É necessário que descubramos o prazer pela leitura, o prazer de estar na escola. O verbo "fruir" serve bem para a ocasião. A fruição deve ser cotidiana.

Há um cartaz do Ziraldo que diz que "**LER É MAIS IMPORTANTE DO QUE ESTUDAR**". Lembro que alguns professores ficaram irritados quando o viram. No entanto para compreendê-lo é preciso rever os conceitos dos verbos nele contidos: no cartaz, o ato de "estudar" está ligado à obrigação, ao passo que "ler" está ligado ao prazer. Neste sentido o papel da leitura é muito mais proveitoso, pois as coisas que fazemos prazerosamente são mais bem feitas, enquanto que aquilo que somos obrigados a fazer soa como castigo, punição, por isso saem do jeito que têm saído.

A avaliação. Esse é outro ponto nevrálgico. Confesso que até hoje não tenho uma opinião formada sobre a reprovação. Ela é boa ou ruim? Suas conseqüências são positivas ou negativas? Escola boa é a que reprova? Professor bom é o que reprova? Penso que nossas provas não deveriam perguntar aos alunos se eles sabem Língua Portuguesa, Matemática ou História. Creio que deveríamos perguntar-lhe se eles passaram a gostar dos assuntos ligados a essas disciplinas. Se, ao final do ano letivo, tivermos desenvolvido neles o gosto pela matéria-prima de nosso trabalho, teremos atingido em cheio o alvo, pois o resto virá naturalmente.

Para finalizar gostaria de dizer que não vejo o professor como o dono do Saber e que, numa atitude benevolente, se encarrega de repassá-lo. Vejo-o sim, como um "propagandista" de uma determinada área do Conhecimento Humano. Se ele for apaixonado pelo seu trabalho, conseguirá repassar essa paixão e conquistará novos adeptos, caso contrário, continuaremos entregando diplomas a pessoas que nunca mais pretenderão abrir um livro.

Roberto Farias